



CÂMARA DOS DEPUTADOS
COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

VOTO DE LOUVOR

Nós, Parlamentares integrantes da Comissão de Ciência, Tecnologia e Inovação da Câmara dos Deputados da República Federativa do Brasil, considerando as relevantes e decisivas contribuições para o avanço do conhecimento científico acerca da Amazônia, das mudanças climáticas e dos riscos sistêmicos globais, manifestamo-nos pela aprovação do presente Voto de Louvor ao renomado cientista e meteorologista Carlos Afonso Nobre, como forma de reconhecimento público por sua notável trajetória e por suas inestimáveis contribuições à ciência, conforme deliberado na reunião extraordinária da Comissão realizada em 25 de fevereiro de 2026.

O homenageado é conhecido por suas contribuições para a pesquisa científica sobre as mudanças climáticas e o meio ambiente na Amazônia. Apaixonou-se pela biodiversidade da região desde 1970, quando foi apresentado ao local por um de seus professores universitários. Foi o primeiro a detectar e documentar os impactos do aquecimento global na floresta tropical.

Sua pesquisa inovadora e seu compromisso com a sustentabilidade o colocaram na vanguarda da ciência ambiental, gerando um impacto profundo no Brasil e no mundo.

Comendador e grande oficial da Ordem Nacional do Mérito Científico e membro titular da Academia Brasileira de Ciências, é considerado um dos mais renomados meteorologistas do país e um dos cientistas brasileiros mais conhecidos mundialmente. Tem sido um destacado mediador entre a ciência e o público leigo, falando publicamente em muitas oportunidades sobre os problemas ambientais e os desgovernos do progresso, alertando principalmente contra os perigos do aquecimento global.

Natural da capital paulista, Carlos é o irmão mais velho de quatro irmãos e uma irmã, entre eles os cientistas Antônio Nobre, Paulo Nobre e Ismael Nobre. Graduiu-se em Engenharia Eletrônica pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica em 1974, e no ano seguinte começou a trabalhar no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), em Manaus. Isso abriu-lhe todo um novo campo de interesses mas, carecendo de formação adequada para nele pesquisar, fez doutorado em Meteorologia no Massachusetts Institute of Technology. Ali permaneceria até 1982, estudando Meteorologia Dinâmica da Região Tropical com Jules Charney e Jagadish Shukla, pioneiros da construção de modelos climáticos.

Voltou depois ao Brasil, sendo hoje cientista sênior aposentado do INPE. Visitou o exterior outras vezes em temporadas de pesquisa, como em 1988, quando iniciou estudos, como pesquisador visitante na Universidade de Maryland, que seriam reconhecidos como seminiais na análise dos impactos do desmatamento sobre o clima, além de postular pela



CÂMARA DOS DEPUTADOS
COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

primeira vez a possibilidade de a Amazônia virar uma savana por decorrência do aquecimento global, com potencial extinção em massa em âmbito regional. Já trabalhou na coordenação de grandes projetos científicos na Amazônia, destacando-se o Experimento Anglo-Brasileiro de Observações do Clima Amazônico (ABRACOS), de 1990 a 1996, e o Experimento de Grande Escala da Biosfera-Atmosfera na Amazônia (LBA), de 1993 a 2000.

Entre suas muitas atribuições oficiais foi chefe do Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos e do Centro de Ciência do Sistema Terrestre do INPE, titular da Secretaria de Políticas e Programas de Pesquisa e Desenvolvimento do Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovação, diretor do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas, presidente do Conselho Diretor e vice-presidente do Comitê Científico do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas, secretário-executivo da Rede Brasileira de Pesquisas sobre Mudanças Climáticas Globais, chefe do Comitê Científico do International Geosphere Biosphere Programme, Alto Conselheiro Científico do Panel on Global Sustainability da ONU e membro do Conselho Científico da Secretaria-Geral da ONU. É membro da Academia Brasileira de Ciências e da Academia de Ciências dos Países em Desenvolvimento e senior fellow da divisão brasileira do World Resources Institute.

Carlos Nobre possui muitas distinções e prêmios em seu currículo, como o Prêmio Fundação Conrado Wessel para o meio ambiente, o Troféu José Pelúcio Ferreira de Meio Ambiente do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, o Prêmio Personalidade Ambiental do World Wildlife Fund, a Medalha Anchieta da cidade de São Paulo, a Ordem Nacional do Mérito Científico no grau de comendador e a prestigiada Medalha Alexander von Humbolt da União Europeia de Geociências. Tem grande bibliografia científica, sendo um autor de referência internacional.

Foi um dos autores principais do Quarto Relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, pelo que recebeu, junto com toda a equipe envolvida, o Prêmio Nobel da Paz em 2007. No mesmo ano foi indicado um dos 100 brasileiros mais influentes pela revista Época, e Personalidade que Faz Diferença pelo jornal O Globo.

Foi homenageado pelo Instituto de Engenharia com o título de Eminent Engenheiro de 2020. Em 2021 a Associação Americana para o Avanço da Ciência lhe conferiu o prêmio Diplomacia da Ciência (Science Diplomacy), pela sua atuação na promoção da Ciência.

Foi eleito membro da Royal Society britânica em maio de 2022, se tornando o segundo brasileiro a fazer parte da entidade dedicada à ciência, ao lado de Dom Pedro II.

Em 2023, recebeu o título Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), devido a suas contribuições científicas nas áreas de meio ambiente e mudanças climáticas e pela defesa da Amazônia. Esta foi a primeira vez que o cientista recebeu um título Honoris Causa de uma universidade brasileira.



CÂMARA DOS DEPUTADOS
COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

No início de 2025, concedeu entrevista à CNN Brasil enfatizando que o aquecimento de 1,5°C, antes previsto para ocorrer entre 2033 e 2035, foi atingido de forma surpreendente e prematura. “Com, 1,5 graus, um pouquinho mais, explodiram todos os eventos extremos”, afirmou o cientista, citando recordes de chuvas, incêndios e secas em diversas partes do mundo, incluindo o Brasil. Ressaltou que, se as temperaturas permanecerem nesse patamar nos próximos anos, a ciência poderá confirmar que o limite de 1,5°C foi definitivamente ultrapassado. O que implicaria na necessidade urgente de reduzir drasticamente as emissões de gases de efeito estufa uma década antes do prazo estabelecido no Acordo de Paris, que prevê cortes desses super poluentes até 2050.

Não menos importante, em seu recente artigo “Aquecimento global ameaça mais da metade do cultivo de caju no Nordeste”, publicado no ECOA UOL em 20/01/2026 , alertou que estudos sobre mudanças climáticas indicam que, até 2070, o Nordeste pode perder mais da metade das áreas adequadas ao cultivo do caju, símbolo econômico e cultural do semiárido brasileiro, em decorrência da continuidade do aquecimento global.

Para tanto ressaltou que:

“As projeções com os cenários SSPs (Shared Socioeconomic Pathways) mostram que, até 2050, mesmo em um cenário intermediário de aquecimento, o Nordeste pode perder cerca de 36% dessas áreas adequadas. No cenário mais extremo, projetado para 2070, a redução pode chegar a 58%, concentrando as áreas aptas para o litoral do Nordeste. Em outras palavras: mais da metade das áreas hoje aptas ao cultivo do caju pode deixar de sê-lo em menos de 50 anos.

O principal fator por trás dessa transformação é a combinação entre o aumento da temperatura global, a intensificação de secas severas e a redução significativa das chuvas.

(...)

E esse futuro não é apenas uma projeção distante. Dados observacionais mostram que o Nordeste já enfrenta reduções expressivas nos volumes anuais de chuva. Em cidades como Cipó, na Bahia, Parnaíba, no Piauí, e Aracaju, em Sergipe, foram registradas quedas acumuladas superiores a 500 milímetros em séries históricas da precipitação anual. Esses números revelam que o sistema climático da região já está respondendo às mudanças globais, processo que também é intensificado pelo desmatamento da Caatinga.

Diante desse cenário, a adaptação deixa de ser uma opção e passa a ser uma necessidade urgente. Investimentos em genótipos mais resistentes à seca, manejo



CÂMARA DOS DEPUTADOS
COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

eficiente da água, diversificação produtiva e políticas públicas baseadas em informações e modelos climáticos são fundamentais para reduzir riscos. Planejar a agricultura do futuro exige integrar ciência, território e decisões políticas, além de avançar na restauração da Caatinga”.

Desse modo, a aprovação desta Moção de Louvor expressa o reconhecimento, pelo Parlamento brasileiro à relevância do Sr. Carlos Afonso Nobre por ser uma voz na ciência, por sua trajetória marcada pela dedicação à pesquisa científica sobre as mudanças climáticas e ao meio ambiente na Amazônia e por ostentar um currículo repleto de reconhecimentos internacionais que comprovam sua influência e relevância no cenário científico global.

Diante de sua contribuição excepcional para a ciência, para o Brasil e para o mundo, esta Comissão presta justa homenagem ao cientista Carlos Afonso Nobre, reconhecendo seu compromisso com a pesquisa, com a preservação ambiental e com a construção de um futuro mais sustentável.

Sala de reuniões, 25 de fevereiro de 2026


Deputado Atila Lira
Presidente